

Cultura



Paulo de Campos



Juarez Fonseca: memória viva da MPB

Nasceu em Canguçu (Rio Grande do Sul) em 1946. É jornalista e crítico de música com passagem pelos jornais Folha da Tarde e Zero Hora (1974-1996), onde foi editor do Segundo Caderno e do suplemento Cultura. Nos anos 70, colaborou com diversos veículos culturais da imprensa alternativa. Pesquisador da música brasileira, produtor de discos e shows, foi coordenador de Música da Secretaria da Cultura de Porto Alegre e membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul. Desde 1996 mantém colunas de música no jornal ABC Domingo, de Novo Hamburgo, na revista Aplauso, de Porto Alegre, e na revista Sucesso, de São Paulo. É também conselheiro do Santander Cultural. Publicou a biografia do trovador Gildo de Freitas (Tchê/RBS), participou dos livros Sombras e Luzes – Um olhar sobre o século (Samrig/L&PM), Gaúchos – Líderes e vencedores do Século XX (Assembléia Legislativa/Federasul) e das antologias Nós, os gaúchos e Sobre Porto Alegre (ambas da Editora da Universidade). Pela L&PM publicou Ora bolas – o humor de Mario Quintana, que apresenta pequenas histórias sobre o poeta, contadas por amigos, familiares e conhecidos. (fonte: L&PM Editores).



A música, desde muito cedo inspirou a reflexão crítica de Juarez Fonseca. Do clássico ao erudito, brasileira ou internacional, antiga, moderna ou contemporânea, ele é um profundo conhecedor. Já foi jurado de incontáveis festivais, produziu discos e shows. Mesmo estando formalmente aposentado, Juarez não deixou de fazer o que mais gosta. Há mais de dez anos, desde que deixou a redação de Zero Hora, ele é colunista de música no jornal ABC Domingo e nas revistas Sucesso, de São Paulo, e Aplauso.

Crítico de música, abriga em seu acervo pessoal um número infindável de discos de todas as épocas. Pelos seus cálculos, são aproximadamente nove mil discos de vinil, Os CDs chegam a quase oito mil unidades. O jornalista tem ainda 600 fitas cassete com entrevistas e demos e 500 livros sobre música. Coleções de revistas de música publicadas no Brasil desde os anos 70, dezenas de pastas com recortes de jornais e material fornecido pelas gravadoras, livros sobre arte completam o imenso patrimônio cultural.

“Música é uma coisa que me ‘pegou’ desde bem pequeno. Eu estava sempre ‘grudado’ no rádio, tinha cadernos em que eu escrevia letras de música e revistas sobre cantores e artistas...”, conta, lembrando que, quando criança, escutava rádio junto com a avó. Foi DJ das reuniões dançantes da sociedade. Por isso, estava sempre comprando discos. Um dos primeiros indícios de que o jovem apreciador de música iria se tornar um jornalista foi quando começou a publicar alguns de seus poemas no jornal do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o Julinho.

Fez Jornalismo, na Ufrgs.. Começou a fazer alguns trabalhos na área, colaborando com a diagramação do Jornal de Turismo do Rio Grande do Sul, produzido por uma colega de curso. No mesmo ano conheceu uma estudante que estava trabalhando na fundação do jornal Cepegê - que depois passou a se chamar Exemplar - do Clube do Professor Gaúcho Juarez foi convidado a participar do projeto. O progresso era visível a cada edição. E esta época foi de muita renovação no jornalismo brasileiro”, contextualiza o jornalista. Ele lembra que, na época em que surgiu o Cepegê, nasceram publicações que fizeram História, como O Pasquim, Veja, revista Realidade. O jornal, que era mensal e chegou a ter tiragem de 50 mil exemplares, circulou até 1973.

“Eu gosto de tudo que é tipo de música, mas o que eu mais ouço é música popular brasileira, jazz e música instrumental. Os gaúchos, em geral, a música feita no Rio Grande do Sul tem uma atenção especial”, revela Juarez. A reunião com os amigos também está na agenda semanal do jornalista.

Desde 1987, participa de um grupo

que se reúne todas as quintas-feiras, no Copacabana, para uma boa conversa.

Da roda participam também Luis Augusto Fischer, Voltaire Schilling, Sergius Gonzaga, Luis Osvaldo Leite, Enéas de Souza, Pilla Vares, Tau Golin, Lauro Schirmer, Sérgio da Costa Franco, Flávio Azevedo e Claudio Moreno, entre outros. Na pauta, os mais diversos assuntos. “É uma mesa bem-humorada”, define Juarez.

A primeira experiência profissional de Juarez foi em 1969, como repórter, em Zero Hora. Em seguida foi atuar na Folha da Tarde na área de economia. A vontade de escrever matérias mais relacionadas à área da cultura, em especial a música, tornou-se possível nesta época. Juarez começou a colaborar também com o caderno ‘Fim de semana’. “Eu tive a possibilidade de fazer matérias mais elaboradas, desenvolver melhor a linguagem e usar mais a criatividade”, conta. Ao mesmo tempo, fazia freelancer para a Editora Abril em Porto Alegre. Também foi colaborador de diversos jornais alternativos, entre eles os gaúchos Peleia, Risco e Tchê!, e os cariocas Pasquim e Jornal da Música.

Freqüentemente tinha um ‘quebra-pau’ na Redação... e um dia aconteceu uma guerra de laranja, conta ele, divertindo-se com o episódio e o fato de que foi demitido, sem nem ao menos ter participado da bagunça. Mas não demorou muito para o jornalista ser convidado a retornar para Zero Hora. Em três meses, aos 25 anos, foi promovido a editor de Geral. Era 1972, foi instituído o uso obrigatório do crachá. “Aí todo mundo se recusou, e formou-se um ‘pé de guerra’ na Redação contra o uso do crachá. “Era uma espécie de resistência”, lembra sobre o episódio que considera emblemático na sua trajetória. Alguns foram demitidos. E, desta vez, Juarez estava, de fato, envolvido no movimento. Passados alguns meses, retornou, pela terceira vez, à Zero Hora. Desta vez foi para ficar até 1996. Neste período, criou o caderno ‘Guia’, com serviços para o final de semana; foi editor de Variedades - caderno criado por Juarez e que depois se tornou o Segundo Caderno; editor de Cultura e crítico de Música, além de volta e meia atuar como repórter cultural, que era o que gostava mesmo de fazer: “Eu queria ficar só na música, entrevistando artistas”, reconhece. Juarez relata que,

naquele momento, todo o envolvimento com a música estava começando em Porto Alegre. “Eu ia a todos os shows... todos os artistas que vinham a Porto Alegre eu ia entrevistar.” E foi assim que ele conheceu grande parte dos artistas internacionais e quase todos nacionais, na área da música. Entre os nomes consagrados que entrevistou, estão Elis Regina, Gilberto Gil e Tom Jobim.



Entre 1997 e 2004, foi editor de Cultura do Jornal da Universidade, da Ufrgs. Entre os reconhecimentos recebidos pelo jornalista, os mais significativos são: o Troféu Amigo do Livro, concedido pela Câmara Rio-Grandense do Livro, em 1993; a Medalha Cidade de Porto Alegre, concedida pela Prefeitura Municipal, em 1994; o Troféu 30 Anos da Califórnia da Canção, concedido em 2001 a apenas 10 pessoas; e o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre.

No currículo está também o livro “Ora Bolas”, que escreveu sobre o humor do poeta Mario Quintana. Lançado em 1994, já está na quarta edição. Juarez está reunindo todo material publicado em mais de 30 anos. Ele planeja escrever pelo menos três livros.

Muitas pessoas, na sua maioria estudantes de comunicação, vão até a casa de Juarez para conhecer e consultar seu acervo musical. (fonte: site www.coletiva.net).

Em tempo: Tenho o maior respeito e admiração por **Juarez Fonseca** desde os anos 70 - quando comecei a atuar nos festivais e no Grupo Cordas & Rimas - por suas ponderações coerentes e convictas, sua serenidade, seu profissionalismo e ext-

Shirley Cabeleireira

Cabelos envelhecidos pelo tempo ou por agressões constantes, exigem tecnologia e eficiência para recuperar a vida e a beleza de seus cabelos, por isso o Salão de Beleza Shirley espera por você!

Av. Getúlio Vargas, 831 (ao lado da Loja Clic Veículos)
Fones: (51) 3663 7854 / (51) 9992.5181

